

CONTRADIÇÃO OU COMPLEMENTARIDADE: NOVAS TENDÊNCIAS DO PENSAMENTO VISTAS A PARTIR DA ANTROPOLOGIA

Otávio Velho (UFRJ)

A conferência partiu da constatação de que por diversos motivos a prática da antropologia entre nós estaria ameaçada por um excesso de escolarização, pela repetição e pela retirada da pesquisa do foco central da disciplina. Um dos modos de combater essa ameaça seria observar novas tendências do pensamento contemporâneo que simultaneamente possam ajudar a fortalecer o *ethos* disciplinar e estimular a criatividade e a atualização. Observado o panorama atual dos debates, sugere-se que haveria duas tendências fortes nesse sentido.

A primeira teria a ver com uma linha de pesquisa e reflexão, associada a Gregory Bateson (1904-80), que proporia colocar-se a *vida* como referência central, o que abriria possibilidades para uma transdisciplinaridade ampliada para além do terreno das ciências sociais. O expoente atual dessa linha seria Tim Ingold, mas com um deslocamento do foco nos supostos agentes (em comunicação) para o campo como um todo. Para ele, a vida:

“... é o potencial criativo de um campo dinâmico de relações em que seres específicos emergem e assumem as suas formas, cada um em relação com os outros. Nesse sentido, a vida não está tanto *nos* organismos, e sim os organismos *na* vida.” (T. Ingold, “Beyond Biology and Culture: the meaning of evolution in a relational world”, *Social Anthropology*, 2004, 12: 219).

A segunda tendência teria a ver com uma forte crítica ao eurocentrismo, representando um deslocamento que funciona nas ciências sociais de modo análogo a uma mudança de paradigma. Deslocamento possibilitado por desenvolvimentos atuais na sociedade como um todo que permitem uma reavaliação do que eu próprio já denominei “Usos e abusos da diferença” (in A. Huff Jr. e E. Rodrigues – orgs., *Experiências e Interpretações do Sagrado*, São Paulo: Paulinas Ed., 2012) . A partir daí é possível retomar a questão do colonialismo e sua herança, o que abre a possibilidade de enquadrar de modo satisfatório do ponto de vista sociocultural o assunto das “raças” e desembocar-se numa crítica ao historicismo.

Essas duas tendências do pensamento contemporâneo explicitamente não dialogam entre si e, se o fizessem, pareceriam chocar-se sob alguns aspectos. O desafio estaria em fazer com que elas passassem a representar o papel de “críticas externas” uma para a outra. E nisso concordaríamos em que se trata de buscar um novo eixo de orientação e de estabelecer novas articulações, não se respondendo ao universalismo eurocêntrico com um relativismo cultural exacerbado. Argumentou-se como implicação para nós que se a antropologia brasileira esteve até

agora associada a um esforço de construção da nação, como já é do senso-comum, quem sabe agora se trate de uma *reconstrução* da nação – pluralista, democrática, intercultural - em que a busca pela unidade seja mediada pelo pleno e não-abusivo reconhecimento das diferenças numa teia de relações também reconstruída em que constituamos nódulos, cambiantes. O que implicaria numa postura que o pensador indiano Ashis Nandy denomina de “tradicionalismo crítico”.